

Uma ilusão à espera do leitor

Mais do que uma acusação de Capitu, Machado de Assis prepara diversas metáforas e armadilhas em Dom Casmurro.

Dom Casmurro é um dos textos mais ilusórios de Machado de Assis. Essa é uma das afirmações destacadas na crítica de John Gledson (Machado de Assis: Impostura e Realismo. Uma interpretação de Dom Casmurro). Podemos analisar diversos aspectos da obra para constatar que realmente Machado de Assis se utiliza não apenas de manejos no conteúdo do enredo, mas também na própria linguagem. Se o leitor realmente não está atento, passa despercebido por detalhes que podem significar muito e ter relação com outras partes da história.

Mas é preciso que se deixe claro que o caráter ilusório do texto não se deve apenas a Bento. Uma das colocações de Gledson, apesar de ser incomum, faz todo o sentido quando paramos para analisar a obra como um todo. Esta diz respeito à responsabilidade pelo caráter ilusório do texto que cai principalmente sobre Machado de Assis, “acusado” de iludir o leitor e o próprio Bentinho. Isso ocorre porque o personagem não conhece certos significados de sua própria história. De acordo com Gladson há comentários externos, como em uma narrativa em terceira pessoa, algo que quebra com a estrutura em primeira pessoa presente em Dom Casmurro.

Exemplos como a obsessão de Bento pelo menino Ezequiel, no início a felicidade louca pelo seu nascimento, depois os detalhes e a estruturação de seu discurso de forma a convencer o leitor – e parece que até a si mesmo – de que Ezequiel é fruto de uma relação entre sua esposa Capitu e seu melhor amigo Escobar. Detalhes menos visíveis como a semelhança de algumas características de Ezequiel, como no trecho “Fazia de médico, de militar, de ator, de bailarino”. Essa habilidade para várias atividades surgia não como um mero detalhe para Bento, mas como característica evidente do parentesco entre o menino e Escobar.

As semelhanças entre Escobar e Capitu também podem ser analisadas a partir de detalhes que podem não ser percebidos em um primeiro momento. Ambos os personagens possuem a característica de serem reflexivos, que em certos momentos ficavam com seus próprios pensamentos, como se desligassem do mundo real (algo que também aparecerá em Ezequiel em certo momento). Bento articula o texto com sua linguagem de advogado, rebuscada, mas que ao mesmo tempo se utiliza do aparato lingüístico de Machado, de forma a envolver o leitor e levá-lo para onde se quer. De acordo com Hécio Martins (citado também na crítica de Gladson) a linguagem é perifrásica, jamais direta e contínua. São lançadas palavras que poderão parecer ao leitor como chave de um enigma, mas que nem sempre terão significado claro, óbvio com uma simples pesquisa (como no momento em que é lançada a palavra casmurro, muitos leitores irão atrás do significado, mas este não trará uma explicação definitiva para tudo o que está obscuro no texto.)

Podemos perceber que não é tarefa fácil desvendar a obra que é um ótimo tratado psicológico sobre como pode ser o comportamento humano e o que pode levá-lo a concluir tanto, a desconfiar e armar estratégias. Devemos estar atentos, mas não deixar de questionar, uma vez que esta é, assim com define Gladson, a melhor maneira de tentarmos entender as razões de Bento para tamanha articulação em nosso convencimento do adultério de Capitu.